

O PAISAGISMO E SUA INFLUÊNCIA NA INDEPENDÊNCIA CULTURAL BRASILEIRA.

MAGALHÃES, Keleyani.¹
OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

O presente trabalho se insere na linha de pesquisa História e Teorias do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. A pesquisa aborda a arquitetura paisagística, com enfoque no período moderno. O problema motivador da pesquisa foi formulado pelo seguinte questionamento: de que forma o paisagismo brasileiro influenciou na independência cultural? Partindo da hipótese inicial de que a arquitetura paisagística influenciou o modernismo no Brasil e inovou ao incentivar o uso da flora brasileira em seus jardins. Sendo assim, o objetivo geral do trabalho consiste em analisar se há relação entre o paisagismo e a independência cultural brasileira. Através de revisão bibliográfica, estudo de caso e análise comparativa qualitativa, o trabalho desenvolveu-se em fundamentação teórica, abordagens, aplicação do tema delimitado, análises teóricas e considerações finais. Notou-se que há hipótese inicial se confirma, uma vez que a arquitetura paisagística apresentou relações com a identidade e a valorização cultural. Possuindo sentimento nacionalista assim como as demais artes no período moderno. O estudo de caso apresentou obras arquitetônicas e paisagísticas do Conjunto Moderno da Pampulha, que serviu de modelo para inovações tanto na arquitetura quanto no paisagismo. Diante disso, considera-se que os objetivos da pesquisa estão atingidos e que ela oportuniza a realização de trabalhos futuros, os quais são apresentados nas considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Moderno. Paisagismo. Identidade Cultural. Nativismo brasileiro. Conjunto da Pampulha.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado à disciplina de Trabalho de Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário FAG. Tem como tema a influência do paisagismo na independência cultural brasileira entre o período de 1920 e 1940. Incorpora a linha de pesquisa “AU- Arquitetura e Urbanismo” e o grupo de pesquisa, “Estudo e discussões de Arquitetura e Urbanismo”.

Justifica-se a pesquisa no âmbito acadêmico em contribuir com conteúdo científico a respeito da história do paisagismo brasileiro e sua relevância para a identidade cultural do país, transcendendo o conhecimento brasileiro a respeito do tema e propiciar fundamentos teóricos para futuras pesquisas científicas.

Faz-se importante para desenvolvimento social entender que o projeto de arquitetura paisagística está aplicado ao espaço livre, o que é pertinente para a pesquisa, identificar esses espaços e oportunizar entendimento do vínculo que o espaço tem com a sociedade e com sua

¹Aluna do décimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: keleyanimagalhães@hotmail.com

² Professora orientadora da pesquisa desenvolvida. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL; Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Assis Gurgacz e docente de graduação do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

formação cultural. Segundo Abbud (2010) o paisagismo é a produção do espaço, possui forma de linguagem que se comunica com o entorno, sendo assim, ele é considerado um elemento de comunicação que proporciona reações, que serão identificadas no decorrer do trabalho. De acordo Dourado (2009), profissionalmente, é indispensável ressaltar a importância em entender historicamente o paisagismo e interpretá-lo como um instrumento que atinge a sociedade e a transforma, para assim, haver embasamento teórico que por sua vez, evita a arbitrariedade e a construção de obras sem significados. Um exemplo de profissionais que obtiveram êxito foram os vanguardistas do período moderno, visto que eles buscavam compreender o passado para assim embasar suas obras e conseguinte, interpretá-las de acordo com as necessidades da sociedade, possibilitando mesclar valores culturais e sociais a elas.

A problemática que norteia a presente pesquisa é: de que forma o paisagismo no Brasil contribuiu para alcançar a identidade cultural nacional? Tendo como hipótese inicial considerar a história do país, no âmbito social, político e artístico. Para encontrar personagens em diversas áreas, que buscaram uma relação significativa e própria com o espaço, procurando relação entre interior e exterior, plástica e conceitual, interagindo entre a comunidade e o espaço em si.

A respeito do objetivo geral, ele se compõe da seguinte maneira: compreender de que maneira o paisagismo foi um fenômeno que influenciou a alcançar a identidade cultural brasileira. Partindo para os objetivos específicos: I Definir paisagismo; II Conceituar identidade cultural; III Entender o contexto histórico brasileiro, com enfoque ao tema da pesquisa; IV Identificar principais escritores, artistas, arquitetos e paisagistas que colaboraram para o reconhecimento cultural brasileiro; V Apresentar abordagens teóricas de relativas a independência cultural VI Apresentar obras significativas que contribuíram para a liberdade nativista do Brasil ;VII Analisar os impactos das obras escolhidas no período modernista; VIII Responder ao questionamento inicial. Tem-se, como suporte, o marco teórico abaixo:

Habilitar uma percepção positiva da natureza brasileira, desvelando suas especificidades como ponto de partida na elaboração de uma cultura de matriz nacional, era um desafio que se fortaleceu em um círculo progressista da intelectualidade brasileira a partir da década de 1920. Desafio compartilhado em maior ou menor grau por escritores, artistas e arquitetos que buscavam a consolidação da modernidade brasileira, solidários num mesmo ideal de renovação sociocultural ampla e sem precedentes no país. Expressavam sobretudo a ânsia por neutralizar posições e comportamentos retrógrados de então sintetizados na mentalidade de ver-se como estrangeiro no próprio país, superando-os na construção de uma cultura identificada com os valores e as realidades nacionais (DOURADO, 2009. p. 40).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Transpondo a história paisagística, os jardins iniciaram em condições desfavoráveis para o seu plantio, uma vez que foram executados em ambientes áridos (STRINGUETA e COELHO, 2014). Os habitantes da Mesopotâmia conseguiram, após grandes esforços, aclimatar a palmeira, trabalhando em suas terras que até então eram estéreis. Neste clima hostil e em locais que hoje se comparam aos oásis egípcios, as palmeiras protegiam as plantas que cresciam à sua sombra e contribuíam para a diminuição da perda de água do solo, fator que favoreceu a condensação noturna e permitiu a criação de jardins. A medida em que a Babilônia (localizada na antiga mesopotâmia) crescia, os jardins ganhavam maior importância, sendo assim, na história os jardins acompanhavam o progresso das cidades, construindo uma relação entre o homem e a natureza, possibilitando uma noção de paisagem com suas intervenções e reproduções (PAIVA, 2007).

Foi no início do século XVI o momento em que o jardim assumiu uma evidente representação do poder imperial, tendo como marco a construção dos jardins da corte Belvedere (corte alemã) para a apresentação da coleção papal de escultura, a partir daí os jardins se espalharam pelas cortes italianas, francesas e inglesas (SILVA, 2014), chegando ao Brasil no século XIX, com D. João VI, que iniciou um processo de mudança nas características da colônia brasileira, procurando se adequar ao progresso do mundo europeu. Este processo foi mais intensificado em consequência da transferência da família real para o Brasil (DOURADO, 2005). Desta maneira, em 1807 foi criado o Jardim Botânico no Rio de Janeiro, para aclimação de plantas vindas da Europa e onde se cultivavam espécies para chá, produção de carvão e matéria-prima para produção de pólvora, cultivo em geral de plantas e ainda produção de especiarias, tais como o cravo e a canela (PAIVA, 2007). Mas foi na segunda metade do século XIX que as principais cidades sofrem transformações que introduzem novos padrões urbanísticos, ganhando novos significados à realização de jardins privados e públicos.

O passeio público do Rio de Janeiro pode ser considerado como o primeiro jardim urbano construído no Brasil. Diferente dos espaços abertos do urbanismo colonial, o passeio público não era um símbolo da autoridade portuguesa, ao contrário, era um monumento da natureza brasileira (FARAH, SCHELEE e TARDIN, 2010). O espaço público no século XX, tem sido definido como o espaço do coletivo, compreendido não como pertencente à um indivíduo, uma classe ou uma corporação, mas ao povo como um todo (GHIRARDO, 2002).

Na contemporaneidade a prática paisagística caracteriza-se por uma total diversidade formal e conceitual. Esta é expressa por ações paisagísticas derivadas das mais diversas correntes de pensamento. Os espaços podem possuir também elementos de épocas passadas como colunas e gazebos³ imersos nos jardins tropicais, em outros casos os espaços valorizam elementos arquitetônicos, são preferíveis a vegetação, o uso de paginação de pisos, pórticos coloridos ou jardins inspirados na *belle époque* com topiarias e bordaduras coloridas (MACEDO, 2012). Vale destacar que o termo Jardim é considerado um instrumento de menor escala dentro do paisagismo, uma vez que este engloba tudo o que interfere na paisagem, o jardim engloba uma porção da paisagem, que envolve vegetações e objetos decorativos. O paisagismo por sua vez, produz reações ao espaço externo de uma forma mais ampla, que utiliza de vários elementos urbanos (MACEDO, 2015).

2.1 ASPECTOS DE IDENTIDADE CULTURAL

De acordo com Waltermann (2010) o termo paisagem cultural, é utilizado para definir essa interação entre o espaço e a comunidade. Ele afirma que a paisagem cultural é adquirida quando as características no local, os espaços e formas construídas, se adequam à população, ou seja, para haver a manifestação cultural do ambiente social, devem existir pontes que liguem o espaço e a comunidade e que as represente, permitindo sua integração.

Um espaço que não preenche todas as “condições” exigidas pela comunidade, ou seja, que não atende as características de seus ocupantes é considerado inadequado, pois permite que o indivíduo se sinta deslocado nesse espaço (BOURDIEU, 2013). Desta forma, a responsabilidade dos arquitetos não reside na arquitetura em si, mas em uma ação que envolva a ideia da espacialidade e de uma visão de totalidade da cidade (ROCHA, 2012). Quando a visão de totalidade não ocorre, por não considerar as pessoas, suas diferenças e suas maneiras diversas de perceber, os espaços acabam por gerar uma arquitetura alheia ao local, sem significados (PRONSATO, 2005).

Diante disso o significado e o valor que a comunidade dá a determinado local ou objeto acarreta na produção de valores específicos, que por sua vez são construídos com base em uma motivação cultural. Ao considerar o espaço como bem cultural, ao lado de seu valor utilitário e econômico, enfatiza-se seu valor simbólico enquanto referência e significações da ordem da cultura (FONSECA, 2005). Nesse contexto, Oliveira (2001) considera a cultura como uma

³ Segundo o dicionário Aurélio (2008), gazebo é uma construção com teto, mas sem paredes, destinados a fornecer sombra ou abrigo, geralmente utilizados em parques e jardins.

espécie de sentimento de pertencimento que carrega realizações humanas, intensamente modificadas para atender as condições da vida coletiva. Para Siqueira (2001), cultura é um sistema de ideias, conhecimentos, técnicas, padrões de comportamento e atitudes que caracterizam determinada sociedade, ele afirma que o ser humano busca uma projeção emocional no lugar onde vive e tem a necessidade de se identificar com seu contexto.

2.2 ASPECTOS DA MODERNIDADE

A arquitetura moderna teve início na segunda metade do século XIX, após a revolução industrial⁴, quando apareceram as primeiras grandes construções com estrutura metálica, que constituíam formas totalmente novas em relação ao que se fazia no passado (PRONÇA, 2001).

Segundo Carvalho (2003), o homem do século XX que conheceu os efeitos da máquina, não pode viver da mesma maneira que o homem que não conhecia a máquina. A casa do século XX é um acessório para auxiliar o homem a viver, enquanto a casa dos tempos antigos era mais uma fortaleza para proteger o homem. O funcionalismo exigido pelas transformações sociais, econômicas e políticas que surgiram na Europa, desde meados do século XIX, já era sinalizado em obras de Gregori Warchavchik que no contexto da modernidade arquitetônica, era norteado a possuir um caráter funcionalista, seguindo das premissas: “Menos é Mais”, frase do arquiteto Mies Van der Rohe⁵, e “A Forma Segue a Função”, do arquiteto Louis Sullivan⁶. A falta de ornamentação que tais aspectos lhes propunham não significava a ausência de traços identitários, era na verdade, o firmar-se de uma nova realidade social e econômica que se refletia na arquitetura (OLIVEIRA, 2001). Gregori Warchavchik⁷ afirmou que “o arquiteto moderno deve amar sua época, com todas as suas grandes manifestações do espírito humano, como a arte

⁴ A revolução industrial, iniciada na Inglaterra no século XVIII, passou a fabricar e dominar a máquina, que por sua vez, colaborou para um conjunto de transformações resultando em transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Pode-se dizer que foi a consolidação do capitalismo e da racionalização arquitetônica (COSTA, 2002).

⁵ Autor da frase “menos é mais” Ludwig Mies van der Rohe, nasceu em Aschen na Alemanha em 1886, mudou-se para Berlin onde teve contato com a arquitetura minimalista e as tendências do construtivismo russo, em seus projetos eram característicos o uso do purismo e do pano de vidro (SAIA, 2014).

⁶ Foi o primeiro arquiteto modernista defensor da frase “forma segue a função”. É considerado o pai dos arranha-céus e de uma arquitetura mais racional (STOOT, 2015).

⁷ Gregori Warchavchik nasceu em Odessa – Ucrânia. É considerado o pai do modernismo no Brasil, por construir a primeira casa modernista brasileira. Defendia que cada época histórica tem sua lógica e beleza. A favor da máquina de habitação, criticava o Historicismo e Ecletismo (CAPPELLO, s.d). Vale ressaltar que foi em contato com Gregori Warchavchik que Lucio Costa, arquiteto responsável por unir arquitetos e paisagistas como Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx, em diversas obras no Brasil, teve contato com o ideário da arquitetura moderna no início da década de 1930. Warchavchik foi igualmente a peça-chave na tentativa de reforma do ensino da arquitetura no Brasil (LEONIDIO, 2010).

do pintor moderno ou poeta moderno deve conhecer a vida de todas as camadas da sociedade”. (WARCHAVCHIK, 2003, p.37). Outro arquiteto que influenciou o período moderno foi Frank Lloyd Wright. Trabalhou como projetista no escritório de Sullivan, no entanto no decorrer dos anos, Wright passou a defender uma arquitetura mais orgânica, vernacular. Ele defendia a casa como um elemento que deve ser integrado ao ambiente e a seu contexto cultural, um exemplo disso é a Casa da Cascata. Segundo Untermeyer (1964) o arquiteto começou por eliminar a ornamentação supérflua, suprimindo tudo o que imitasse os elaborados elementos de procedência estrangeira, passando a utilizar uma arquitetura vernacular que se adaptasse ao meio ambiente.

Para Alberton (2006), podemos destacar o arquiteto Le Corbusier, considerado um dos maiores arquitetos racionalistas do movimento moderno e criou os cinco pontos da arquitetura: pilotis, terraço jardim, planta livre, fachada livre e janela em fita. Foi com essas influências modernistas e organicistas que podemos destacar a arquitetura e o paisagismo moderno brasileiro, gerado por vários arquitetos e paisagistas na qual se insere, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx e Roberto Coelho Cardozo.

2.3 ASPECTOS PAISAGÍSTICOS BRASILEIRO

Com o adensamento populacional nas cidades e sua transformação, paisagistas buscaram posições mais críticas e realistas, incorporando a paisagem natural e nativa, originando a busca em mostrar as particularidades do Brasil para o mundo. A exploração de símbolos brasileiros mostrou que ao mesmo tempo em que deveria haver uma abertura à uma linguagem universal no meio artístico, há também uma constante necessidade de afirmação dos valores que demonstrariam uma consciência de identidade nacional (DOURADO, 2009).

Nessa esfera propícia, o paisagista traduziu o sentimento e o conceito modernista, reunindo conhecimento da pintura, escultura, música e principalmente botânica. Michel Racine paisagista europeu, caracterizou o modernismo brasileiro como um “movimento modernista com jardim”, justamente por ser o campo da paisagem que possuía o espírito revolucionário do modernismo (FARAH, BAHIA e TARDIN, 2010). Desta forma, o paisagismo moderno no Brasil foi indissociável da própria consolidação da arquitetura moderna do país. Arquitetos e paisagistas estavam cada vez mais envolvidos em pensar numa nova arquitetura que não apenas agregasse as possibilidades de planta livre, mas que enfatizasse a criação de lugar (TOFANI, 2015). Defendendo o paisagismo como manifestação artística cultural e regional, Roberto Burle Marx compreendeu as especificidades e necessidades biológicas das plantas, o conjunto de

procedimentos estéticos foi desenvolvendo e orientando segundo uma lógica própria de harmonias e contrastes cromáticos (DOURADO, 2009). A cada jardim criado, era um passo que se distanciava da influência do paisagismo inglês do século XVII. Nesse sentido, suas obras principalmente na cidade do Rio de Janeiro, em seu viés funcionalista, associadas aos princípios do movimento moderno, julgou a construção de um programa urbano paisagístico moderno, a função social que o espaço público ocuparia dentro do sistema social da cidade a qual não poderia mais ser ignorada (SEGRE, 2010).

3. METODOLOGIA

Segundo Macedo (2015), há uma busca constante de informações sobre o paisagismo que sanem lacunas geradas pela falta de conteúdo literário nacional. Com base nisso a pesquisa tem caráter qualitativo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009), não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, busca explicar o porquê das coisas e objetiva-se a produzir informações aprofundadas e ilustrativas que sejam capazes de produzir novas informações. Além disso, os estudos se fundamentam na revisão bibliográfica, onde Pádua (1996, p. 29) relata que esta é “uma atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento”. O estudo utilizou da análise teórica comparativa qualitativa que segundo Marconi e Lakatos (2006) possibilita conseguir parâmetros voltados para compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinados grupos. O método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Essa metodologia comparativa é composta por um processo do conhecimento que é possível perceber discrepâncias e congruências, transformações e possibilita identificar continuidades (SCHNEIDER, SCHIMITT, 1998. p. 1).

4.0 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO: CONJUNTO MODERNO DA PAMPULHA

Este capítulo apresenta o estudo de caso, Conjunto Moderno da Pampulha. A escolha de tal caso justifica por adotar grande significado para as gerações presentes, apresentando-se como um marco vivo, íntegro e autêntico da história da arquitetura mundial e da história brasileira. Ele representa a materialização de um momento histórico singular na história, ligado

a construção das identidades nacionais, sendo de referência para a população. É nesse espírito inovador que o capítulo discorrerá sobre as obras: O Cassino, A Casa do Baile e A Casa JK, edificações integrantes do Conjunto Moderno da Pampulha. Localizado em Belo Horizonte, o conjunto foi tombado em 2016 como patrimônio histórico mundial pela UNESCO. Idealizado e construído no período moderno entre 1940 e 1943, foi tombado também pelo IPHAN como “Pampulha: Conjunto arquitetônico e paisagístico” e pelo IEPHA como “Conjunto arquitetônico da Pampulha”. Diante disso, fica evidente que o Conjunto possui extrema significância para a construção da arquitetura e do paisagismo brasileiro. Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o paisagista Roberto Burle Marx e a participação de vários artistas, a Pampulha se tornou um marco da arquitetura e do paisagismo moderno no país.

Sendo assim, o conjunto é composto por: **O Cassino** (atual museu de arte da Pampulha); **Casa do Baile** (atual Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design); **O Iate Golfe Clube** (atual Iate Tênis Clube); a **Igreja de São Francisco de Assis**; e a **Residência de Juscelino Kubitschek** (atual Casa Kubitschek). Vale ressaltar que, o conjunto da Pampulha, teve fortes influências na arquitetura nacional, não apenas na vertente arquitetônica, mas no paisagismo e nas obras feitas por Cândido Portinari⁸, remetendo à própria afirmação das identidades nacionais (IEPHA, s.d). Começaremos, portanto, a descrever a primeira obra do Conjunto da Pampulha, O Cassino.

4.1 O Cassino

O Cassino possui uma área de 2.860m², foi a primeira obra do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Inaugurado em 1943, o espaço foi projetado com o objetivo de incentivar a modernidade e servir de atividades de lazer para classes mais altas. Ele é equipado com sala de jogos, pista de dança, restaurante e bar (TRELCAT, 2012). Sabendo que a construção é considerada uma arquitetura moderna vinculada a de Le Corbusier, Comas (2013) descreve que o edifício possui peculiaridades que definem a arquitetura e o paisagismo brasileiro. A simetria equilibrada da fachada de acesso, refraseia o esquema de vazio entre dois sólidos tão proeminente nos edifícios anteriores de Niemeyer e Lucio Costa, como o ministério de educação (1936 -1945), o pavilhão brasileiro na feira mundial de Nova Iorque (1938-1939) e o Grande Hotel de Ouro Preto (1940-1944). A proposta arquitetônica feita por Niemeyer se dá a partir do diálogo de três blocos que revelam a sua forma, fechamento e suas funções. O

⁸ Pintor brasileiro, Cândido Portinari foi um dos principais nomes do Modernismo cujas obras obtiveram renome internacional. Nasceu no dia 29 de dezembro de 1903 na cidade de Brodósqui, no interior de São Paulo.

bloco principal, onde fica a entrada, é conformado por um volume prismático regular do salão de jogos que se apresenta como uma caixa de vidro à qual se sobrepõe uma massa construída e recortada, com rampas ligando internamente os diferentes níveis. Esses grandes panos envidraçados proporcionaram a integração visual entre o interior e o exterior (IPHAN, 2014).

Figura 1- Fachada principal com Jardim externo



Fonte: Marcelo Santiago (2016).

Figura 2- Fachada com a estátua “Nú”



Fonte: Marcelo Santiago (2016).

O que deu espaço para a proposta paisagística feita por Roberto Burle Marx, que utilizou maciços de herbáceas e arbustivas de diversas cores, feitas para serem vistas em elevação e em sequência, desde a chegada da via pública. Em meio a elas, em depressão natural do terreno, situa-se o pequeno lago, a qual possui uma possibilidade visual quando visto de cima. Sob a marquise que protege o acesso do edifício, descansa sobre um banco a imponente e vigorosa estátua, Carmela, de August Zamoyski. Um grupo de Agaváceas e Cactáceas compõe o ambiente, que realça e valoriza a escultura. Há também, registros do uso de vegetações como, *hemerocallis flava linn*⁹, *Sansevieria sp*¹⁰, *Aloe Vera*¹¹, *Bougainvillea sp*¹², *Agapanthus africanus*¹³, *Astter amelus*, *Cordyline indivisa*¹⁴, *Salix babylonica*¹⁵ e *Agave Attenuata*¹⁶ (LANA, 2009).

Destaca-se em Burle Marx sua prática profissional, uma vez que em todos seus trabalhos ele buscou um diálogo permanente entre o arquiteto e o paisagista, o indivíduo e sua cultura, fazendo do paisagismo um complemento cultural do edifício. (LEENHARDT, 2006). No

⁹ Lírios de um dia

¹⁰ Espada-de-são-jorge

¹¹ Babosa

¹² Buganville

¹³ Agapanto

¹⁴ Dracaena indivisa

¹⁵ Chorão, Salgueiro-chorão

¹⁶ Agave-dragão, Tromba-de-elefante

Cassino ele optou pela escolha de vegetações mais baixas justamente para destacar apenas o edifício, isso na fachada principal, como em todos os edifícios do conjunto da Pampulha, o Cassino integrou as vertentes artísticas, como a Arquitetura, o Paisagismo, a Escultura, e a Pintura (BAHIA, 2011).

Figura 12- Jardim e a Escultura “Pampulha”



Fonte: Viajento (s.d.)

Figura 14- Fachada voltada para o lago



Fonte: Viajento (s.d.)

A principal característica de sua composição paisagística são as formas sinuosas e os grandes maciços de cores formados com espécies da flora brasileira. Também se destaca a escultura de José Pedrosa, obra intitulada *Pampulha*. Outras obras que se destacam no exterior do Cassino é a obra “Nu” de Zamoyski e “O Abraço” de Alfredo Ceschiatti, conforme figura 12 e 13 (IPHAN, 2014).

Segundo o ministério da cultura, o paisagista entrou para a história e conquistou admiração ao integrar a natureza ao concreto projetado por Niemeyer. Os jardins encontrados lá refletem a brasilidade através das vegetações, juntamente com as esculturas que ficam entre os jardins.

Figura 1- Fachada principal



Foto: Dasartes (s.d)

Figura 2- Vista superior do cassino



Foto: Dasartes (s.d)

Marx possuía uma capacidade de traduzir sensações e conceitos, buscando apoio na variedade de meios artísticos, oportunizando parceria com diversos artistas. Cândido Portinari por exemplo, foi seu professor na universidade federal do Rio de Janeiro e ambos dividiam o

sentimento de construir uma tradição artística brasileira. Como consequência disso, Portinari foi o artista responsável pelos azulejos encontrados no Cassino e em outras construções feitas por Niemeyer, como por exemplo, a Casa do Baile (LEENHARDT, 2006).

4.1.2 Casa do baile

Localizada em uma pequena ilha artificial e ligada a orla da lagoa por uma ponte de concreto, a Casa do Baile foi inaugurada em 1942 ao som da orquestra de José Braz de Andrade, antes mesmo da inauguração da Pampulha, a construção foi a que mais caracterizava a linguagem de Niemeyer no quesito curvas (LANA, 2009). Ele afirma “Foi na casa do Baile, o restaurante, que com mais desenvoltura das curvas me ocupei, a marquise a acompanhar os limites da ilha, solta e ondulada como a desejava” (NIEMEYER, 2004, p19). Conforme figura 21, a simplicidade das curvas além de caracterizar o estilo próprio de Niemeyer conseguiu unir leveza e suntuosidade ao seu desenho (ARAÚJO, 2015). Um dos principais elementos nessa construção é a marquise, que vai além de um mero abrigo à chuva ou ao sol, ela estende o espaço de convívio para além do interior do salão circular, ampliando a continuidade entre aquele espaço mais formal e o espaço exterior, do terraço abrigado e do jardim. Portanto, a casa do baile é o conjunto de espaços que conformam a interior e o exterior, havendo profunda interação entre ambos (MACIEL, 2007).

A obra se destaca pela sutileza construtiva e principalmente pelo paisagismo de Burle Marx. A construção foi idealizada com uma linguagem arquitetônica que se comunica com a paisagem, além do diálogo entre o interior e exterior a casa, possuía rigor, leveza, transparência e evocação de movimentos conjugados com a forma elaborada, com o despojamento. Enfim, a expressão da sensualidade que o funcionalismo havia banido da Arquitetura, manifestou-se em sua plenitude nesta edificação (IPHAN, 2014).

Figura 3- Vista superior da casa do baile e palmeiras imperiais acompanhando a rua



Foto: Acervo Iphan (2014)

Figura 4- Marquise, maciço de agapantos e cerâmica de Portinari



Foto: Acervo Iphan (2014)

Os jardins da Casa do Baile ocuparam todo o espaço externo às projeções da cobertura do conjunto: contornam a pequena ilha, circundam o volume principal e avançam sinuosamente contra o pavimento em pedras portuguesas brancas. Um espelho d'água espraia-se em curvas e contracurvas, tangenciando o pequeno palco a céu aberto. Nos canteiros aquáticos e subaquáticos do espelho d'água, *Nynphea sp.*¹⁷ e *typha angustifolia*¹⁸ - essa última, uma ousadia de Burle Marx, que a transplantou dos brejais da região para os seus jardins (LANA, 2009).

Há o destaque dos azulejos de Cândido Portinari, que segundo Bahia (2011), são encontrados no externo do volume principal e no guarda corpo, que segue a marquise, possui o mesmo padrão do Cassino. Sendo assim, uma estratégia para conciliar a tradição brasileira (colonial¹⁹ e barroca²⁰) é a estética moderna, ligando todos os edifícios do conjunto da Pampulha. A liberdade plástica e formal encontrada singulariza a construção, o que possibilitou também a caracterização estética moderna: azulejos decorados, demonstrados na figura abaixo, elaborados exclusivamente para o empreendimento, tacos de peroba no espaço interno, revestimento de colunas em granito com acabamento rústico, pavimentação das áreas externas com calçada portuguesa (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2008).

As funções destinadas às áreas externas, os jardins teriam que compartilhar seu espaço com a festa. A sua concepção é, portanto, minimalista, mas nele se destaca o diálogo com a água em diversas formas, como moldura para o espelho de água, a qual circunda o conjunto, como a natureza brejosa do local e até mesmo pela transparência, em canteiros aquáticos e subaquáticos (CAPPELO, LEITE, s.d).

¹⁷ Ninfeia

¹⁸ Taboa

¹⁹ A Arquitetura Colonial no Brasil é definida como arquitetura realizada no período de 1500 até a independência em 1822. Trata-se de uma importação, por parte dos colonizadores, das correntes estilísticas da Europa, adaptando às condições materiais e socioeconômicas locais.

²⁰ A arquitetura Barroca no Brasil é observada principalmente entre os séculos XVII e a primeira metade do século XVIII. Foi uma das principais formas de manifestação da contrarreforma religiosa católica por meio da arte e é por isso que é observada principalmente na arquitetura em igrejas.

Figura 21- Espaço para músicos, ao fundo azulejos de Portinari



Fonte: Laura Mourão

Figura 22- Canteiro com vegetações posterior a marquise



Fonte: Laura Mourão

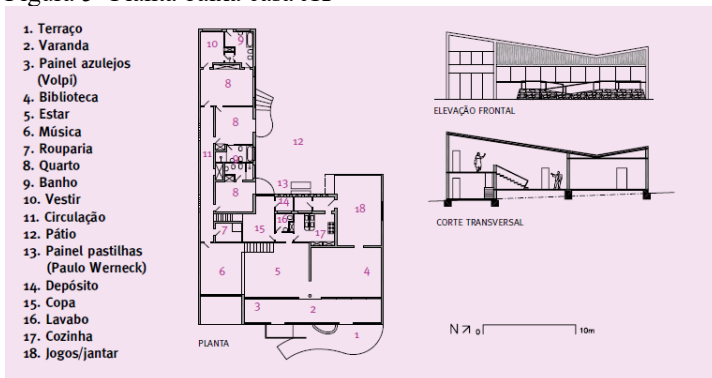
Lana (2009) também considera o jardim sendo minimalista, de grande efeito cênico e que se integra de tal forma ao conjunto, a casa do baile, que se fez dele parte indissociável.

Segundo o ministério da cultura de Belo Horizonte (2008), a casa do baile buscou cada vez mais fortalecer-se como um espaço de diálogo com toda a população, procurando evidenciar as relações de seus temas centrais com o cotidiano de todos e de cada um de seus habitantes.

4.1.3 Casa JK

Juscelino Kubitschek com a intensão de transformar a lagoa da Pampulha em um lugar de lazer e habitação, ao contratar Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx, pediu para planejarem sua residência no local. Objetivando incentivar a sociedade da capital a dar exemplo de novas formas de habitar, a casa foi concluída em 1943, no mesmo ano da inauguração do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha (IPHAN, 2014). Sua especialização é tipicamente moderna, com áreas sociais, íntimas e de serviço, demonstrado na figura 25 a casa integra ambientes internos e externos, com espaços para o lazer e notável clareza formal (SEGAWA, 1998).

Figura 5- Planta baixa casa JK



Fonte: Macedo (2006)

Seguindo o vocabulário moderno, Oscar Niemeyer experimentou as suas ideias de integração e permeabilidade espacial sem, no entanto, deixar de aderir às exigências funcionais da tradicional família brasileira (GUIMARÃES, 2015). A residência é de concreto armado com empena sobre a varanda, constituindo referência aos elementos da arquitetura vernácula brasileira (ARAÚJO, MARQUES, 2016). Além da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer, a casa possui dois painéis, sendo um de Alfredo Volpi²¹ e outro de Paulo Werneck²². A estrutura da edificação, característica aos anos 1950 no Brasil, segue o mesmo estilo do Iate Tênis Clube, com cobertura em asa de borboleta (SEGAWA, 1998).

Figura 6- Fachada principal, calçadas e Acesso para Carros



Fonte: Arquitetando Rotas (2015).

Figura 7- Fachada principal mostrando vegetações escolhidas por Burle Marx



Fonte: Arquitetando Rotas (2015).

Os jardins da residência na parte frontal, subsistem os matacões, os pavimentos em pedras dos caminhos e o espelho d'água, apesar de decorado com apliques de seixos rolados em toda a borda, com o banco. Nos jardins posteriores, subsistiram espécies de porte arbóreo e o mosaico de Paulo Werneck (LANA, 2009). O caminhar no quase ziguezague da rampa que organiza o jardim, a luz e a brisa da tarde animam o visitante a, junto com as flores, árvores e o canto dos pássaros, relembrar o passado (GUIMARÃES, 2015). No paisagismo, predominam plantas de médio porte, evidenciando as árvores tais como os Ipês e as Palmeiras. (LEITE, CAPELLO, 2016).

²¹ Alfredo Foguebecca Volpi foi um pintor brasileiro. Nasceu em Lucca, Itália, em 1896, mas mudou-se para o Brasil com sua família em 1897. Considerado um dos mais destacados pintores da Segunda Geração da Arte Moderna no Brasil, tem como característica em suas pinturas, os casarios e bandeirinhas coloridas.

²² Artista brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, responsável por diversos painéis em mosaico, alguns feitos para o instituto de resseguros do Brasil em 1942, ministério da fazenda em 1943 e o conjunto da Pampulha em 1944. A partir da década de 60 e principalmente na década de 70, Paulo Werneck realiza uma série de painéis para o Banco do Brasil em cerca de cem agências em todo o país. Entre os seus primeiros painéis para o Banco do Brasil estão os de Copacabana, no Rio e o de Recife. Nesse período, o artista aprofunda sua pesquisa com técnica do mosaico e com materiais diversos como madeira, poliéster, vidro e fórmica (Paulo Werneck, s.d).

Figura 8 Espelho d'água casa JK



Fonte: Arquitetando Rotas (2015)

Figura 9 Vista para a rua



Fonte: Arquitetando Rotas (2015)

Neste amplo terreno, Burle Marx teve a oportunidade de se regozijar em uma criação ímpar, os jardins são diferenciados em função de porções do terreno. A parte frontal abriga uma posição mais cênica, com referências a própria Pampulha e a Diamantina, terra natal do prefeito, representada pelo lajeado de pedra que leva à entrada da Casa JK. Os fundos, conforme imagem 30 e 31, abriga um pomar e uma área destinada para convívio que também apresenta o lajeado de pedra, a partir dele as vegetações vão ganhando porte até o pomar (IPHAN, 2014).

Figura 10 Paineiro de Pastilhas de Paulo Werneck



Fonte: Arquitetando Rotas (2015).

Figura 11 Jardim fundos



Fonte: Arquitetando Rotas (2015)

A todas essas características, essencialmente modernas, somam-se elementos característicos da arquitetura colonial, na fachada posterior, janelas com esquadrias azuis, treliças, baldrame de pedra, telhado com beiral e paisagismo nativo do Brasil. O Hibrismo resultante dessas arquiteturas é revelador e foi isso que possibilitou com que a Casa JK viesse a ser símbolo do modernismo brasileiro (BAHIA, 2011).

5. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O estudo utilizou da análise teórica comparativa qualitativa que segundo Marconi e Lakatos (2006) possibilita conseguir parâmetros voltados para compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinados grupos. O método comparativo permite analisar

o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Essa metodologia comparativa é composta por um processo do conhecimento que é possível perceber discrepâncias e congruências, transformações e possibilita identificar continuidades (SCHNEIDER, SCHIMITT, 1998. p. 1). Desta forma, partindo da análise estruturada por Gil (2008, p.14), elas serão embasadas na análise comparativa entre os estudos de caso com as abordagens teóricas, na qual fornecerá parâmetros que irão auxiliar a chegar a resposta ao problema da pesquisa.

5.1 ASPECTOS E PARÂMETROS

Atribui o início da análise a apresentação dos parâmetros que foram definidos através dos aspectos gerados nas abordagens teóricas, facilitado posteriormente as análises do estudo de caso. Os aspectos que antecederam os parâmetros foram: aspectos de identidade, aspectos de modernidade e aspectos paisagísticos. Dessa forma, será apresentado três tabelas na qual se insere: Tabela 01– Aspectos de Identidade; Tabela 02– Aspectos de Modernidade; Tabela 03– Aspectos Paisagísticos.

Tabela 01 – Aspectos e parâmetros de identidade

ASPECTOS	PARÂMETROS
Oliveira (2001) descreve a cultura como uma espécie de sentimento de pertencimento que carrega realizações humanas, intensamente modificadas para atender as condições da vida coletiva.	Sentimento de pertencimento.
Hall (2005) afirma que os valores associativos e simbólicos referentes à pessoas e lugares são considerados uma interpretação pessoal e cultural, que podem mudar com o tempo, mas deve sempre haver uma relação entre ambas (grifo do autor)	Valores simbólicos, relação pessoal e cultural.
Waltermann (2010) considera o termo paisagem cultural como a interação entre o espaço e a comunidade. Ele ainda afirma que a cultura é adquirida quando as características no local, os espaços e formas construídas se adequam à população, ou seja, para haver a manifestação cultural do ambiente social deve existir pontes que liguem o espaço e a comunidade e que as represente, permitindo sua integração.	Interação entre o espaço e a comunidade
Siqueira (2001) considera cultura como um sistema de ideias, conhecimentos, técnicas, padrões de comportamento e atitudes que caracterizam determinada sociedade, ele afirma que o ser humano busca uma projeção emocional no lugar onde vive e tem a necessidade de se identificar com seu contexto.	Necessidade de se identificar com o contexto
Libório e Salvan (s.d) defende a cultura como uma manifestação através de ações e comportamentos em determinados grupos.	Manifestação através de ações e comportamentos

Fonte: Organizada pela autora (2018).

Conforme tabela acima, as condições que vão determinar a identidade cultural se relacionam ao indivíduo se sentir parte integrante da comunidade onde vive, que por sua vez,

deve haver valores simbólicos que interagem com o espaço e a comunidade. É demonstrado também a necessidade que a população tem em se identificar com o espaço gerado.

Tabela 02 – Aspectos e parâmetros de modernidade

ASPECTOS	PARÂMETROS
A falta de ornamentação que tais aspectos lhes propunham não significava a ausência de traços identitários, era na verdade, o firmar-se de uma nova realidade social e econômica que se refletia na arquitetura (OLIVEIRA, 2001)	Traços identitários
O arquiteto moderno deve amar sua época, com todas as suas grandes manifestações do espírito humano, como a arte do pintor moderno ou poeta moderno deve conhecer a vida de todas as camadas da sociedade. (WARCHAVCHIK, 2003, p.37).	Amar sua época
passou a defender uma arquitetura mais orgânica, vernacular. Ele defendia a casa como um elemento que deve ser integrado ao ambiente e a seu contexto cultural, (UNTERMEYER 1964)	Arquitetura orgânica, vernacular

Fonte: Organizada pela autora (2018).

Conforme Tabela 02, o modernismo no Brasil se configura na criação de um espaço com característica de lugar, ou seja, que incorpora a paisagem nativa do país, sendo reconhecida pelos seus habitantes como algo próprio. Destaca-se também que foi nesse período que o Estado passou a incentivar a modernidade urbana. O que possibilitou a criação de diversas obras paisagísticas com caráter cultural e individual, colocando em evidência a vegetação botânica brasileira.

Tabela 03- Aspectos e parâmetros paisagísticos

ASPECTOS	PARÂMETROS
Silva e Santana (2013) afirma que o paisagismo de Roberto Burle Marx empregava os cactos num sentido simbólico, associando-os à expressão de brasilidade. Seus projetos proporcionavam a população meios de informação para distinguir a flora exótica da nativa, despertando o amor pela natureza	Símbolo brasileiro.
Segre (2010) considerara os jardins modernos como a criação de uma nova paisagem e uma nova estética para a cidade. Ele ainda afirma que Burle Marx, ao intervir no espaço público, rompe com a tradição paisagística existente e produz espaços que conjugam a arte plástica, a geometria e a botânica (SEGRE, 2010).	Espaços que conjugam a arte plástica, a geometria e a botânica.
Segundo Dourado (2009), o paisagismo de Roberto Burle Marx é uma manifestação artística cultural e regional. Ele conseguiu desenvolver em suas obras uma forma única de compreender e desenvolver os jardins, compreendendo as especificidades e necessidades biológicas das plantas. O conjunto de procedimentos estéticos que foi desenvolvendo e orientando segundo uma lógica própria de harmonias e contrastes cromáticos, transcendeu o conceito de jardins, respondendo ao clima local (DOURADO, 2009).	Forma única e contrastes cromáticos.

Segre (2010) aponta uma ruptura com os padrões vigentes no paisagismo e o aparecimento de elementos até então inimagináveis na construção estética e simbólica de uma cidade.	Construção estética e simbólica.
Siqueira (2004) define os jardins de Burle Marx como algo dinâmico, simples e marcante. O uso de desenhos geométricos no piso e calçadas com variações de cores, formados por mosaicos de pedras portuguesas que compõe os canteiros de vegetações e assim transformando o paisagismo em uma obra de arte.	Variação de cores em pisos e mosaicos de pedras portuguesas.

Fonte: Organizada pela autora (2018).

Conforme Tabela 03, o paisagismo no período moderno rompeu com o tradicionalismo europeu e passou a expressar a brasilidade, se tornando um símbolo cultural do país, na qual foi criado espaços ajardinados que uniam a arte plástica, a geometria, variações de cores e o evidente uso da botânica brasileira, compondo formas únicas com contrastes cromáticos e assim, construindo uma estética simbólica.

5.2 ANÁLISE

A partir dos parâmetros encontrados, será apresentada uma análise comparativa qualitativa do estudo de caso Conjunto da Pampulha, percorrendo sobre os elementos propostos para análise, sendo eles: O Cassino, a Casa do Baile e a Casa JK.

5.2.1 O cassino

A seguinte tabela descreve as análises feitas no estudo de caso do Cassino, obra integrante do Conjunto da Pampulha, por meio da aproximação teórica referente as características paisagísticas e arquitetônicas obtidas.

Tabela 04- Análise de identidade:

PARÂMETROS DE IDENTIDADE CULTURAL	
Sentimento de pertencimento	Burle Marx ao traduzir as sensações e conceitos brasileiros , buscou apoio na variedade artística (IPHAN,2014).
Valores simbólicos, relação pessoal e cultural.	Roberto Burle Marx também empregava os cactos num sentido simbólico , associando-os à expressão de brasilidade (DOURADO, 2009).
Interação entre o espaço e a comunidade	Destaca-se em Burle Marx, sua prática profissional, uma vez que em todos seus trabalhos ele buscou um diálogo permanente entre o arquiteto e o paisagista, o indivíduo e sua cultura , fazendo do paisagismo um complemento cultural no edifício (LEENHARDT, 2006).

Necessidade de se identificar com o contexto	-
Manifestação através de ações e comportamentos	Segundo o ministério da cultura, o paisagista entrou para a história e conquistou admiração ao integrar a natureza ao concreto projetado por Niemeyer. Os jardins encontrados lá refletem a brasilidade através das vegetações, juntamente com as esculturas que ficam entre os jardins.

Fonte: organizada pela autora (2018).

Conforme tabela 04 o Cassino possui características que o tornam única, uma vez que suas formas buscaram traduzir as sensações e os conceitos brasileiros, utilizando do cacto como simbologia do Brasil, trazendo o diálogo entre o indivíduo e a sua cultura, expressando a brasilidade em diversos modos.

Tabela 05- Análise de modernidade:

PARÂMETROS DE MODERNIDADE	
Incorporar a paisagem natural e nativa à arquitetura.	Lana (2009) descreve as vegetações escolhidas para compor a obra. Agaváceas e Cactáceas compõe o ambiente, que realça e valoriza a escultura. Há também, registros do uso de vegetações como, <i>hemerocallis flava linn</i> , <i>Sansevieria sp</i> , <i>Aloe Vera</i> , <i>Bougainvillea sp</i> , <i>Agapanthus africanus</i> , <i>Aster amelus</i> , <i>Cordyline indivisa</i> , <i>Salix babylonica</i> e <i>Agave Attenuata</i> (LANA, 2009).
Incentivo à modernidade urbana	O Cassino possui uma área de 2.860m ² , foi a primeira obra do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Inaugurado em 1943, o espaço foi projetado com o objetivo de incentivar a modernidade e servir de atividades de lazer para classes mais altas (TRELAT, 2012).
Criação de lugar	Burle Marx possuía uma capacidade de traduzir sensações e conceitos , buscando apoio na variedade de meios artísticos, oportunizando a criação de espaços voltados para o povo brasileiro (LEENHARDT, 2006).

Fonte: organizada pela autora (2018).

Conforme tabela 05, pode-se perceber que a obra foi construída com o objetivo de trazer a modernidade para o país, buscou-se escolher vegetações que iriam compor a edificação, criando espaços de lazer voltados para o povo brasileiro

Tabela 06- Análise paisagística

PARÂMETROS PAISAGÍSTICOS	
Símbolo brasileiro	Comas (2013) descreve que o edifício possui peculiaridades que definem a arquitetura e o paisagismo brasileiros.
Espaços que conjugam a arte plástica, a geometria e a botânica.	A principal característica de sua composição paisagística são as formas sinuosas e os grandes maciços de cores, formados com espécies da flora brasileira. Também se destaca, a escultura de José Pedrosa, obra intitulada Pampulha . Outras obras que se destacam no exterior do Cassino são as obras “ Nu ” de Zamoyski e “ O Abraço ” de Alfredo Ceschiatti (IPHAN, 2014).
Forma única e contrastes cromáticos.	A proposta paisagística feita por Roberto Burle Marx, utiliza maciços de herbáceas e arbustivas de diversas cores , feitas para serem vistas em elevação e em sequência, desde a

	chegada da via pública. Em meio a elas, em depressão natural do terreno, situa-se o pequeno lago, a qual possui uma possibilidade visual, quando visto de cima (LANA, 2009).
Construção estética e simbólica	Segundo Macedo (2008), o Conjunto da Pampulha causou grande impacto em Belo Horizonte, uma vez que a população teve seus hábitos e gostos influenciados pelo novo centro de lazer da cidade , o conjunto definiu a nova linguagem arquitetônica e paisagística que viria a ser reconhecida como o “Estilo Brasileiro” .
Variações de cores em pisos e mosaicos de pedras portuguesas.	-

Fonte: organizada pela autora (2018).

A tabela 06 demonstra o paisagismo encontrado no Cassino com uma obra única, que possui peculiaridades que definem o paisagismo brasileiro, tais como grandes maciços coloridos com espécies nativas no Brasil, entre as vegetações as esculturas dão composição final ao jardim. Pode-se afirmar que o paisagismo, rompeu com padrões existentes e trouxe novas formas de influenciar hábitos e gostos da população, trazendo lazer a comunidade e criando seu estilo próprio.

5.2.2 A casa do Baile

A seguinte tabela descreve as análises feitas no estudo de caso da Casa do Baile, obra integrante do Conjunto da Pampulha.

Tabela 07- Análise de identidade:

PARÂMETROS DE IDENTIDADE CULTURAL	
Sentimento de pertencimento	-
Valores simbólicos, relação pessoal e cultural.	-
Interação entre o espaço e a comunidade	Segundo o ministério da cultura de Belo Horizonte (2008), a casa do baile buscou cada vez mais fortalecer-se como um espaço de diálogo com toda a população , procurando evidenciar as relações de seus temas centrais com o cotidiano de todos e de cada um de seus habitantes .
Necessidade de se identificar com o contexto	A construção foi idealizada com uma linguagem arquitetônica que se comunica com a paisagem , além do diálogo entre o interior e exterior da casa, ela possui rigor, leveza, transparência e evocação de movimentos conjugados com a forma elaborada (IPHAN, 2014).
Manifestações através de ações e comportamentos	-

Fonte: organizada pela autora (2018).

A tabela 07 demonstra a casa do baile como uma obra que possuía identidade uma vez que trazia a interação entre comunidade e o espaço e a integração perfeita do interior com o exterior se comunicando com a paisagem.

Tabela 08- Análise de modernidade:

PARÂMETROS DE MODERNIDADE	
Incorporar a paisagem natural e nativa a arquitetura.	A Casa do Baile criada para ser parte integrante da paisagem local , Niemeyer afirma, “Foi na casa do Baile, o restaurante, que com mais desenvoltura, das curvas me ocupei, a marquise a acompanhar os limites da ilha , solta e ondulada como a desejava” (NIEMEYER, 2004, p19).
Incentivo a modernidade	A expressão da sensualidade que o funcionalismo havia banido da Arquitetura, manifestou-se em sua plenitude nesta edificação (IPHAN, 2014).
Criação de lugar	-

Fonte: organizada pela autora (2018).

É descrito na tabela 08 como a obra acompanhou seu entorno, trazendo expressões singulares do brasil, expressando a sensualidade indo em contraponto ao funcionalismo de Corbusier, no entanto, respeitando a modernidade e inovando com as curvas encontradas nesta obra.

Tabela 09- Análise paisagística

PARÂMETROS PAISAGÍSTICOS	
Símbolo brasileiro	A simplicidade das curvas além de caracterizar o estilo próprio , conseguiu unir leveza e suntuosidade ao seu desenho (ARAÚJO, 2015).
Espaços que conjugam a arte plástica a geometria e a botânica.	Os jardins da Casa do Baile ocuparam todo o espaço externo, às projeções da cobertura do conjunto: contornam a pequena ilha, circundam o volume principal e avançam sinuosamente contra o pavimento em pedras portuguesas brancas . Um espelho d’água espraia-se em curvas e contracurvas , tangenciando o pequeno palco a céu aberto . Nos canteiros aquáticos e subaquáticos do espelho d’água, <i>Nynphea sp.</i> E <i>typha angustifolia</i> . Essa última, uma ousadia de Burle Marx, que a transplantou dos brejais da região para os seus jardins (LANA, 2009).
Forma única e contrastes cromáticos.	Um dos principais elementos nessa construção é a marquise , que vai além de um mero abrigo à chuva ou ao sol, ela estende o espaço de convívio para além do interior do salão circular, ampliando a continuidade entre aquele espaço mais formal e o espaço exterior do terraço abrigado e do jardim . Portanto, a casa do baile é o conjunto de espaços que conformam a interior e o exterior , havendo profunda interação entre ambos (MACIEL, 2007).
Construção estética e simbólica	A liberdade plástica e formal encontrada singulariza a construção o que possibilitou também a caracterização estética moderna da edificação e do paisagismo da casa do baile (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2008).
Variação de cores em pisos mosaicos de pedras portuguesas.	A liberdade plástica e formal encontrada, singulariza à construção o que possibilitou também a caracterização estética moderna: azulejos decorados , elaborados exclusivamente para o empreendimento, tacos de peroba no espaço interno, revestimento de colunas em granito, com acabamento rústico, pavimentação das áreas externas com calçada portuguesa (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2008).

Fonte: organizada pela autora (2018).

Ao analisar a tabela 09 encontra-se uma expressão da sensibilidade e inovação na arquitetura e paisagismo, elementos como a marquise a liberdade plástica e formal que a edificação proporcionou, serviu de inspiração para Burle Marx em compor o paisagismo, um jardim com vegetações nativas e cheia de cor juntamente com o conjunto de calçadas em pedra portuguesa. Fez com que a casa do baile fosse considerada a obra que mais representou a brasilidade paisagística do conjunto.

5.2.3 A casa JK

A seguinte tabela descreve as análises feitas no estudo de caso da Casa JK, obra integrante do Conjunto da Pampulha.

Tabela 10- Análise identidade:

PARÂMETROS DE IDENTIDADE CULTURAL	
Sentimento de pertencimento	Assim, as obras de Pampulha marcam o início de uma nova fase da arquitetura e do paisagismo, o estilo consagrou o nacional (IPHAN, 2014).
Valores simbólicos, relação pessoal e cultural.	A todas essas características essencialmente modernas, somam-se elementos característicos da arquitetura colonial, na fachada posterior, janelas com esquadrias azuis, treliças, baldrame de pedra, telhado com beiral, paisagismo nativo do Brasil. O Hibrismo resultante dessas arquiteturas é revelador e foi isso que possibilitou com que a Casa JK viesse a ser símbolo do modernismo brasileiro (BAHIA, 2011).
Interação entre o espaço e a comunidade	A casa foi construída para interagir com o espaço e obter um modelo de “bem-viver” para a comunidade, sugerindo a ocupação para a região (SEGAWA, 1998).
Necessidade de se identificar com o contexto	A edificação foi construída em um terreno de grandes proporções, em aclave, de forma a desfrutar da vista da lagoa, cujo local possuía perspectivas em relação às outras edificações projetadas por Niemeyer. A residência é de concreto armado com empena sobre a varanda, constituindo referência aos elementos da arquitetura vernácula brasileira (ARAÚJO e MARQUES, 2016).
Manifestação através de ações e comportamentos	Guimarães (2015) acrescenta que a entrada em rampa, o pequeno lago e os jardins de linhas curvas, as vegetações escolhidas , palmeiras imperiais, ipês, paineiras e bromélias, foram imaginados pelo arquiteto-paisagista para agregar ao telhado em forma de asa de borboleta, para evidenciar a modernidade .

Fonte: organizada pela autora (2018).

Conforme tabela 10, a casa JK possui inúmeras características que a tornam singular, sendo o símbolo do modernismo brasileiro, agregou formas da natureza e evidenciou a modernidade no país. Pode-se afirmar que a casa conseguiu interagir entre o interior e exterior, possuindo características da arquitetura vernácula.

Tabela 11- Análise de modernidade:

PARÂMETROS DE MODERNIDADE

Incorporar a paisagem natural e nativa a arquitetura.	Seguindo o vocabulário moderno, Oscar Niemeyer experimentou as suas ideias de integração e permeabilidade espacial sem, no entanto, deixar de aderir às exigências funcionais da tradicional família brasileira (GUIMARÃES, 2015).
Incentivo a modernidade urbana	Objetivando incentivar a sociedade da capital a dar exemplo de novas formas de habitar , a casa foi concluída em 1943, no mesmo ano da inauguração do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha (IPHAN, 2014).
Criação de lugar	A intensão era de transformar a lagoa da Pampulha em um lugar de lazer e habitação . Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx pediram para planejarem sua residência no local. Desta forma, a casa serviu de residência para finais de semana do então prefeito JK.

Fonte: organizada pela autora (2018).

Ao analisar a tabela 11, percebe-se a busca em incentivar a sociedade a obter novos conceitos a respeito das formas de morar, trazendo a experiência de viver em um local onde há a mescla de lazer e habitação, aderindo as exigências funcionais da família brasileira, integrando-a ao espaço gerido.

Tabela 12- Análise paisagística:

PARÂMETROS PAISAGÍSTICOS	
Símbolo brasileiro	
Espaços que conjugam a arte plástica a geometria e a botânica.	Sendo concebidos por Burle Marx, o jardim integra as obras de arte aplicada, o painel de azulejos de Volpi que retratam as antigas representações cartográficas. No paisagismo predominam plantas de médio porte, evidenciando as árvores, tais como os Ipês e as Palmeiras . O espelho de água encontrado no meio do jardim possui a forma da lagoa , que dispõe de um banco em concreto, possibilitando sentar e contemplar a obra por inteiro (LEITE; CAPELLO, 2016).
Forma única e contrastes cromáticos.	O caminhar no quase ziguezague da rampa que organiza o jardim, a luz e a brisa da tarde animam o visitante a, junto com as flores, árvores e o canto dos pássaros, lembrar o passado (GUIMARAES, 2015).
Construção estética e simbólica	-
Variação de cores em pisos mosaicos de pedras portuguesas.	Neste amplo terreno, Burle Marx teve a oportunidade de se regozijar em uma criação ímpar , os jardins são diferenciados em função de porções do terreno . A parte frontal abriga uma posição mais cênica , com referências a própria Pampulha e a Diamantina, terra natal do prefeito, representada pelo lajeado de pedra que leva a entrada da Casa JK. Os fundos abrigam um pomar e uma área destinada para convívio que também apresenta o lajeado de pedra, a partir dele as vegetações vão ganhando porte até o pomar (IPHAN, 2014).

Fonte: organizada pela autora (2018).

Ao analisar a tabela 12 é possível descrever as curvas encontradas no paisagismo de Burle Marx, que por sua vez, colaborou para o enriquecimento da identidade brasileira, usando de maciços com variações de cores, calçadas em pedra portuguesa e uma rampa que leva ao espelho d'água. Concluindo que a obra possui identidade própria e lembra o passado colonial do País.

5.2.4 RESULTADOS

Reunindo as informações adquiridas pelas tabelas anteriores, foi gerada a tabela 12, que irá apresentar de maneira mais clara os parâmetros encontrados em cada caso de estudo.

Tabela 13 – Síntese final da análise:

Estudos de caso	O cassino	Casa do Baile	Casa JK
Parâmetros			
Sentimento de pertencimento		X	
Valores simbólicos, relação pessoal e cultural.		X	
Interação entre o espaço e a comunidade			
Necessidade de se identificar com o contexto	X		
Manifestação através de ações e comportamentos		X	
Incorporar a paisagem natural e nativa à arquitetura.			
Incentivo à modernidade urbana			
Criação de lugar		X	
Símbolo brasileiro.			X
Espaços que conjugam a arte plástica, a geometria e a botânica.			
Forma única e contrastes cromáticos.			
Construção estética e simbólica			X
Variações de cores em pisos e mosaicos de pedras portuguesas.	X		

Fonte: Organizada pela autora (2018).

X = Não informado. Aspectos de identidade Aspectos de modernidade

Aspectos paisagísticos

A tabela 13 fornece o resumo de todas as informações geradas anteriormente, enfatizando os aspectos e parâmetros encontrados em cada obra. Demonstrando que as obras pertencentes ao Conjunto da Pampulha, carregam consigo, experiências de individualidade urbanística, pressupondo que através da arquitetura e do paisagismo, o conjunto conseguiu transmitir todos os aspectos analisados. O espaço gerado valorizou a cultura brasileira, unindo contrastes entre cores, encontradas nos maciços de Burle Marx, com as curvas de Oscar Niemeyer. As obras transmitiram o sentimento de modernidade. E a preocupação em transmitir

também a arquitetura vernácula foi um dos fatores que possibilitou criar laços entre o espaço e a comunidade, gerando o sentimento de pertencimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da máquina ocasionou uma grande revolução e com isso o crescimento urbano. Fazendo arquitetos e paisagistas repensarem qual é o papel da arquitetura passando a trabalhar e acompanhar o desenvolvimento. Por fim, os aspectos paisagísticos mostraram que com a consequência da urbanização tornou necessária a criação de áreas verdes, o que possibilitou paisagistas como Roberto Burle Marx e Roberto Coelho Cardozo a trabalharem em cima de um paisagismo próprio, sem influências dos jardins europeus. O problema motivador da pesquisa foi desenvolvido do questionamento: De que forma o paisagismo no Brasil contribuiu para alcançar a identidade cultural? A hipótese inicial presume que artistas, arquitetos e paisagistas, a partir da década de 1920, buscaram uma relação significativa entre a obra e o espaço, uma vez que o sentimento entre eles era de modernização e inovação.

Sendo assim, passaram a procurar novas formas de representar a arquitetura do país, fugindo da antiga influência arquitetônica estrangeira e voltando para a relação entre a própria cultura, correspondendo assim, o progresso cultural do país. O movimento antropófago, de Oswald de Andrade, entre outros movimentos, acrescentou de forma positiva pensamentos nativistas em diversos artistas, escultores, pintores e arquitetos. O Paisagismo juntamente com o modernismo brasileiro procurou destacar a vegetação nativa, utilizando de formas orgânicas para compor praças, parques e jardins. Diante disso, destacou-se a relação entre a comunidade e seu ambiente, uma vez que para haver resultado de todo esse processo, deve existir o apoio da comunidade. Resultando no que chamamos de paisagem cultural, termo utilizado para definir essa interação entre o espaço e a comunidade. Portanto, a construção da identidade cultural está necessariamente ligada à concepção que um indivíduo adquire de sua atuação nas atividades e manifestações particulares da coletividade em que está inserido. A cultura em si, é gerada através da construção entre o diálogo do indivíduo com a sociedade e da maneira como um altera o outro.

O Conjunto Moderno da Pampulha permitiu ao indivíduo determinar e atribuir significado e com isso gerar o sentimento de pertencimento, enfatizando seu valor simbólico e elaborando novas vivências pessoais e sociais, que determinaram sua cultura. Uma vez que o Conjunto da Pampulha causou grande impacto na comunidade, transformando pensamentos retrógrados de um povo que valorizava apenas o que vinha do estrangeiro, para pensamentos

de modernidade, de futuro, de progresso brasileiro. O conjunto de obras definiram a nova linguagem arquitetônica que viria a ser reconhecida como o “Estilo Brasileiro”. Assim, como suas características e seus aspectos, levantando informações sobre a história e sua influência na identidade cultural brasileira. Sendo assim, de acordo com a metodologia proposta neste estudo, a análise dos resultados com base nos parâmetros encontrados, considera-se o paisagismo como um instrumento que acompanhou o modernismo no país e contribuiu para o desenvolvimento cultural do mesmo, com obras que valorizaram o tropicalismo brasileiro através de cores e formas, servindo de complemento.

REFERÊNCIAS

ABEL, C.A.S. **O movimento modernista brasileiro – 1922 – 1945 caráter literário, econômico e político**. 1995. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cebrados/article/download/13129/pdf_253> Acesso em 03 de março de 2018.

ABBUD, B. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

ALBERTON, J.O. **Influencia modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89210/231352.pdf?sequence=1>> Acesso: 18 de março de 2018.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropofago**. 1928. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/manifestoantropofago.pdf> acessado em: 15 de maio de 2018

AUGÉ, Marc; **O sentido dos outros: atualidade da antropologia**. Tradução de Francisco da Rocha Filho. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

ARAUJO, Guilherme M. **Roteiros Arquitetônicos Casa do Baile Oscar Niemeyer em Belo Horizonte**. 2013. Disponível em: http://www.bhfazcultura.pbh.gov.br/sites/bhfazcultura.pbh.gov.br/files/Roteiro_OscarNiemeyer_em_BH.pdf Acesso em 13 de Agosto de 2018.

ARAÚJO, W. M. **Os “turistas moradores” no Complexo Arquitetônico da Pampulha em Belo Horizonte: experiência mediada pelo design e a arquitetura**. 2015 Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/viewFile/1587/1223> Acesso em 16 de Agosto de 2018.

ARAÚJO, Felipe. **Flávio de Carvalho**. 2006 Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/flavio-de-carvalho/> Acesso em: 27 de setembro de 2018.

ARAGÃO, Solange de. **Jardim e cultura**. 2009. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/viewFile/19240/10368>>
Acesso em: 20 de setembro de 2018.

ARCHDAILY, 2015 **Roberto Burle Marx ganha primeira grande exposição nos EUA**.
Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/783123/roberto-burle-marx-ganha-primeira-exposicao-nos-eua?ad_medium=gallery Acesso em 02 de outubro de 2018.

BAHIA, Denise M. **Arquitetura política e cultural do tempo histórico na modernização de Belo Horizonte (1940-1945)**, 2011. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8JANZ4/pr_texto_tese_denise_p_s_defesa_final_14.06.11.pdf?sequence=2> Acesso em 10 de Agosto de 2018.

BARKI, J.; BOAS, N.V.; SEGRE, R.; KÓS, J. **O edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936 – 1945) museu vivo da arte moderna brasileira**. 2006. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/376>> Acesso em 19 de maio de 2018.

BORDIEU, P. **Espaço físico, espaço social e espaço apropriado**. 2013. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a10.pdf>> Acessado em 22 de maio de 2018.

CASTELLS, M. **O poder da identidade. Volume II**. 1999. Disponível em: <
<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/castellsm-o-poder-da-identidade-cap-1.pdf>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

CASTRO, Daniel Santos. s.d. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/literatura/monteiro-lobato/> Acesso em 27 de setembro de 2018.

CANEDO, D. **“Cultura é o que?” – Reflexões sobre o Conceito de Cultura e a atuação do Poderes Públicos**. 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>
Acesso: 15 de maio de 2018.

CAPPELLO, M.B.C; LEITE, L.A. **Oscar Niemeyer pelo complexo arquitetônico da Pampulha- uma análise à sua recepção na imprensa nacional e internacional**. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/12231/7866> >
acesso em 05 de junho de 2018.

CARDOSO, J. **Os escritos de Lúcio Costa na construção da historiografia da arquitetura brasileira: o tecer das falas e os fios do silêncio**. 2016. Disponível em:
<http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/download/178/139> Acesso: 07 de março de 2018.

CARSALADE, F.L. **Pampulha como ícone de Belo Horizonte**. 2004. Disponível em: <
<http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000120.pdf>> Disponível em 14 de junho de 2018.

CAVALCANTI, L. **Moderno e brasileira: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

COCCO, Marcos. 2015 **Burle Marx, o artista da paisagem**. Disponível em <https://paisagismodigital.com/noticias/?id=burle-marx-o-artista-da-paisagem&in=424> Acesso em 02 de Outubro de 2018.

COLIN, S. **Uma Introdução à Arquitetura**. 3.ed, Rio de Janeiro: Uapê, 2000.

COMAS, Carlos E. **O Cassino de Niemeyer e os Delitos da Arquitetura Brasileira**. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22286/000664801.pdf?sequence=1> Acesso em: 05 de julho de 2018.

CORBUSIER, L. **Urbanismo**. 2.ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.

DAMATTA, R.D. **O que faz do brasil, Brasil? 1997** Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Da_Matta-O_que_faz_Brasil_Brasil.pdf Acesso: 12 de fevereiro de 2018.

DESARTES, s.d **Museu de Arte da Pampulha**. Disponível em: <http://dasartes.com/guia-das-artes/museu-de-arte-da-pampulha/> Acesso em: 20 de agosto de 2018

DOURADO, G.M. **Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

DOURADO, G.M. **Prelúdio do Paisagismo Moderno no Brasil**. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/download/134134/129945> Acessado em 05 de fevereiro de 2018.

FARAH, I.; BAHIA, M.; TARDIN, R. **Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil**. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77417> Acesso: 05 de maio de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 2007. 7º edição Curitiba, Editora positivo 2008.

IORE, Renato Holmer. **Warchavchik e o manifesto de 1925**. 2002. Disponível : https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Renato%20Fiore.pdf > Acesso em: 27 de setembro de 2018.

FORTES, Carlos. 2014 **A boa praça Roosevelt para o final de semana**. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-bou-da-praca-roosevelt-para-o-final-de-semana,1592921> acesso em: 02 de Outubro de 2018.

FRANCO, Maria A. R. **Desenho Ambiental: Uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico** São Paulo: Annablume: Fafesp, 1997.

FRAZÃO, Dilva, 2015. **Biografia de Mario de Andrade**. 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mario_andrade/ Acesso em 26 de setembro de 2018

GAZEBO. In: **Novo Aurélio: Dicionário de Língua Portuguesa. Sem Data**. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/gazebo>. Acessado em: 03 de abril de 2018.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLANCEY, J. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2001

GONÇALVES, B. **Apostila de paisagismo**. 2013. Disponível em:
https://qacademico.bento.ifrs.edu.br/Uploads/MATERIAIS_AULAS/50127-apostila_PAISAGISMO.pdf Acesso em 05 de abril de 2018.

GUIMARAES, C. **Casa JK memória e sedução**. 2015. Disponível em
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.096/5674> Acesso em 08 de outubro de outubro.

GHIRARDO, D. **Arquitetura Contemporânea: a história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GERHARD, T.E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acessado em 15 de março de 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELENA, L. **Modernismo Brasileiro e Vanguarda**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico artístico de Minas Gerais. s.d. **Conjunto Arquitetônico da Pampulha**. Disponível em:
<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/131/bens-tombados-conjunto-arquitet%C3%B4nico-da-pampulha> Acesso em: 15 de agosto de 2018.

IPHAN, 2014. **Conjunto moderno da pampulha**. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/FMC_dossie_conjunto_moderno_%20da_pampulha.pdf. Acesso em 15 de julho de 2018.

KESSEL, C. **Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922**. 2002. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2177/1316>..> Acesso: 13 de maio de 2018.

LIMA, S.B. **A influencia norte-americana nos sistemas de áreas verdes do urbanista Francisco Prestes Maia**. 2007. Disponível em:
<http://www.fau.usp.br/depprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2007SiomaraAVPrestesMaia.pdf> Acesso em 18 de julho de 2018.

LANA, R.S. **Arquitetos da paisagem**. Belo horizonte. Ed. Museu Histórico Abílio Barreto. 2009

MACEDO, S.S. **O paisagismo moderno brasileiro – além de burle marx**. 2003. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/depprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003SilvioM-Burle.pdf>> Acesso em: 02 de março de 2018.

MACEDO, S.S. **Quadro do Paisagismo no Brasil:1783-2000**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2015.

MACEDO, S.S **Paisagismo e Paisagem introduzindo questões**. 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133783/129653>> Acessado em 05 de fevereiro de 2018.

MACIEL, C.A. **A casa do baile**. 2007. Disponível em: <http://www.arquitetosassociados.arq.br/home/?artigo=a-casa-do-baile> > Acesso em 08 de outubro de 2018.

MALAMUT, M. **Paisagismo projetando espaços livres**. Bahia, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5a edição, São Paulo: Atlas S.A., 2003.

MARIN, A.A; KASPER, K.M. **A Natureza e o Lugar habitado como Âmbitos de Experiência Estética**. 2009 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982009000200012&script=sci_abstract&tlng=pt> Acessado em 30 de abril de 2018.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Do Paisagismo ao Concreto Armado, conheça a Pampulha**. 2016 Disponível em: http://www.cultura.gov.br/banner-1/-/asset_publisher/G5fqgiDe7rqz/content/do-paisagismo-ao-concreto-armado-conheca-a-pampulha/10883 Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MINTZ, S.W. **Cultura uma visão antropológica**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf> > Acessado em: 20 de maio de 2018.

MOIMAS, V. **Arquitetura Moderna no Brasil: uma historia em processo de escritura**. 2014. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.168/5217>> Acessado em 18 de maio de 2018.

NIZ, Bruno. **Por uma Roosevelt mais receptiva**. 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/sao-paulo-do-alto/roosevelt-mais-receptiva/>> Acesso em 15 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, R.A. **O paradigma modernista: planejamento urbano do moderno atraso**. 2001 Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OLIVEIRA_noPW.pdf> Acessado em 30 de março de 2018.

OLIVEIRA, R.A. **Brasília e o Paradigma Modernista: planejamento urbano do moderno atraso**. 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-04032010-154927/pt-br.php>> Acessado em: 11 de Abril de 2018.

PACHECO, J.O. **Identidade Cultural e Alteridade: problematizações necessárias**. 2007 Disponível em: < http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf>

PAIVA, P. D. O. **Paisagismo I – histórico, definições e caracterizações**. 2007. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT13022014153207.pdf>> Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico – prática**. 3a Edição, Campinas, SP: Papirus, 1996.

PROENÇA, G. **História da arte**. 16.ed. Ática, 2001.

PRONSATO, S.A.D. **Arquitetura e paisagem projeto participativo a criação coletiva**. São Paulo. Editora fafes. 2005.

PIMENTEL, Thais. **Conjunto da Pampulha ganha título de Patrimônio Mundial da Unesco**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/07/conjunto-da-pampulha-ganha-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco.html>> Acesso em 16 de agosto de 2018.

PREFEITURA DE RECIFE, 2013. Disponível em: recife.pe.gov.br Acesso em: 15 de Julho de 2018.

RIBEIRO, P.D.V.L. **Palácio Gustavo Capanema: Processo de restauração e revitalização**. 2016. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Paulo_eduardo_ribeiro.pdf> Acessado em 15 de maio de 2018.

ROCHA, P. M. **América, cidade e natureza**. 1.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

RODRIGUES, Bernard C. **Angelo Murgel: trajetória singular (1932 – 1939)** 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28439/28439.PDF> Acesso em: 24 de agosto de 2018.

SAIA, Luís. **Mies van der Rohe**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/download/116979/114562> Acesso em: 27 de setembro de 2018.

SANDEVILLE, E.J. **Entre Rosas e Cactos: Mina Klabin Warchavchik**. 2003. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/depprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003Euler-Mina.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2018.

SANTOS, E. E. S. **Planejamento, Implantação e Manutenção de Jardins**. Viçosa: CPT, 2008.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900 – 1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, J.M; SANTANA, M.A. **A Praça de Casa Forte: Um Jardim Histórico no Recife**. 2013 Disponível em: <http://www.eventosufrpe.com.br/2013/cd/resumos/R0497-2.pdf> Acessado em: 22 de maio de 2018.

SILVA, J.M. **Um passeio pela história dos jardins e um olhar para a criação dos primeiros jardins modernos no Brasil**. 2014 Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiwzu_xq6nbAhVMDpAKHYVQBH4QFgguMAE&url=http%3A%2F%2Fjardimbotanico.recife.pe.gov.br%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fmidia%2Farquivos%2Fpagina-basica%2F20.pdf&usg=AOvVaw0ilhXCw_Grp1AUqN13TIK9> Acesso em 15 de Abril de 2018.

SIQUEIRA, Luciane. **A expressão sócio-cultural na imagem da arquitetura do ocidente de finais de séculos XIX e XX (1)**. Vitruvius, arqtextos. 012.10ano 01, maio 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/01.012/896>> Acesso em 29 de abril de 2018.

STOTT, Rory. **Em foco: Le Corbusier**. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-144526/feliz-aniversario-le-corbusier>> Acesso em: 27 de setembro de 2018.

STRINGUETA, A.C.O.; COELHO. L.P. **Plantas Ornamentais e Paisagismo**. 2014. Disponível em: <<https://www2.cead.ufv.br/serieconhecimento/wp-content/uploads/2015/05/plantas-ornamentais.pdf>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas Ciências Sociais**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, 1998.

SCHWARTZ. J. **Tupi or not Tupi – o grito de guerra na literatura do Brasil moderno**. São Paulo: FAAP, 2002.

TAMARI, G.T.N. **Modernidade Paulista: A obra do paisagista Roberto Coelho Cardozo**. 2016. Disponível em: http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%2015/DOCO_PE_S15_TAMARI.pdf> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

TARSILO DO AMARAL. 2017 Disponível em: <http://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>> Acesso em de setembro de 2018.

TIRLONI, Dilvo. **Praças, Parques e Jardins**. 2016. Disponível em: <http://www.blogdotirloni.com.br/cidade/continente/pracas-parques-e-jardins/> Acesso em: 02 de Outubro de 2018.

TOFANI, Sandra R. M. 2015. **Acervo Botânico do Sítio Roberto Burle Marx: valorização e conservação**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mestrado_em_Preservacao_Dissertacao_TOFANI_Sandra_R_Menezes.pdf Acesso em 28 de setembro de 2018.

TRECALT, Sophie. 2012. **O cassino da Pampulha, em artigo de Sophie Trecalt**. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275976-1.aspx>> Acesso em: 16 de Agosto de 2018.>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. In: Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79. Disponível em: <

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2335>> Acessado em: 11 de março de 2018.

UNTERMEYER, L. **Frank Lloyd Wrigth (1869 -1959)**. 1964. Disponível em:
<http://arquitetura.weebly.com/uploads/3/0/2/6/3026071/tex05_frank_loyd_wright.pdf>
Acessado em: 20 de março de 2018.

VIAJENTO, s.d. **Museu de arte da Pampulha**. Disponível em:
<https://viajento.com/2016/09/05/belo-horizonte-museu-de-arte-da-pampulha/> Acesso em: 10 de julho de 2018.

WATERMAN, T. **Fundamentos de Paisagismo** Porto Alegre: Bookman, 2009.

WARHAVCHIK. G. **Depoimentos de uma geração**. XAVIER, ALBERTO. Org. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin**; trad. Daniel Grassi - 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em:
<https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acessado em: 16 de março de 2018.

ZEVI, B. **Saber Ver a Arquitetura**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZULIAN, T. **Le Corbusier e a cidade moderna: por uma arquitetura sobre as águas**. 2015. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130705/000973424.pdf?sequence=1>>
Acesso em 06 de outubro de 2018.